

# USO DE PLANTAS MEDICINAIS NOS ANOS INICIAIS NA ESCOLA ESTADUAL RAINHA DA PAZ - VALE DE SÃO DOMINGOS/MT

Alcimeire A. Prado Nava  
Ana Rosa Corrêa França  
Lucilene Nóia Rodrigues De Melo

## RESUMO

Este trabalho trata-se de um relato de experiência pedagógica, com a temática Plantas Medicinais, na Escola Estadual do Campo Rainha da Paz, no município de Vale de São Domingos-MT, com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental. Teve como finalidade trabalhar as plantas medicinais, como saberes populares dos sujeitos do campo, colaborando para a valorização desses saberes. O que me levou a realizar este trabalho pedagógico sobre as plantas medicinais não é tanto a sua importância, mas principalmente o seu “esquecimento”. Como professora de escola do campo venho observando que as crianças e os jovens pouco vêm utilizando esse saber. O resultado do diálogo estabelecido na roda de conversa e de questões enviadas para casa, para serem respondidas pelos familiares da turma evidenciou que apenas três famílias utilizam as plantas medicinais e assim mesmo preparadas por outras pessoas mais idosas como mãe, avós e madrinhas.

**Palavras-chave:** Plantas Medicinais, Educação do Campo, Chás Medicinais.

## 1. INTRODUÇÃO

A Escola Estadual do Campo Rainha da Paz está localizada na área urbana do município de Vale de São Domingos – MT, foi reconhecida no ano de 2012 como escola do campo, a partir da intencionalidade na comunidade escolar, por atender a maioria dos alunos do campo. Teve como respaldo o Decreto Presidencial Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a Política de Educação do Campo destinando-se a ampliação e qualificação da oferta da mesma.

O município de Vale de São Domingos foi criado em 28 de dezembro de 1999, desmembrado do município de Pontes e Lacerda. Limita-se ao norte com Tangará da Serra, a Oeste com Pontes e Lacerda, a Leste com Jauru. É uma área territorial de 1.933,046 km<sup>2</sup>, com uma população estimada em 3.045 habitantes, tendo como fonte de economia a pecuária leiteira e de corte e pequenas lavouras de milho, melancia e hortaliças.

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência de uma prática pedagógica com o cultivo de plantas medicinais, com alunos 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Rainha da Paz, como requisito para certificação do Curso Especialização em Práticas Pedagógicas na Educação do/no Campo, ofertado pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), pelo sistema UAB, polo de Pontes e Lacerda. O objetivo do trabalho pedagógico é conhecer a utilização e o uso popular de algumas plantas medicinais, colaborando para a valorização dos saberes populares dos sujeitos do campo.

Pretendemos resgatar o uso das plantas medicinais, nas comunidades campesinas do município de Vale de São Domingos, onde muitos alunos não têm conhecimento e nem sabem de sua importância e que podem utilizar de forma consciente e correta as plantas medicinais como alecrim, alho, boldo, gengibre e outras, pois atualmente este uso está sendo esquecido. As famílias recorrem aos medicamentos químicos sempre que precisam e não mais aos chás medicinais, tendo esses como “coisa do passado”. A pesquisa deste trabalho está pautada nas experiências científicas dos autores: Teske, Trentine, Edison Batista e Joice de Almeida, entre outros, para a problemática aqui citada.

Nessa experiência com o uso de plantas medicinais, foram utilizadas algumas estratégias didáticas como música, roda de conversas, plantio de muda de planta medicinal e outras atividades pedagógicas.

O público alvo foram os alunos do 2º ano do ensino fundamental, período matutino da Escola Estadual do Campo Rainha da Paz, turma esta composta por 10 (dez) alunos, sujeitos ativos que contribuíram para a realização de todas as etapas da ação pedagógica.

Para o desenvolvimento do trabalho enviamos um questionário aos familiares pelos alunos. Observamos que as famílias praticamente não utilizam mais as plantas medicinais como remédio, recorrem ao posto de saúde mais próximo ou farmácias. Como consequência as crianças não conhecem esta prática que é própria dos sujeitos do campo.

O curso Especialização Práticas Pedagógicas na Educação do/no Campo, ofertado pela UFMT, proporcionou reflexão das Propostas Pedagógicas das escolas do campo, onde nós, cursistas, atuamos na organização do ensino e nos processos de interação e transformação do campo como espaço de vida, relacionados aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades camponesas. A prática apresentada nesse trabalho nasce dessas reflexões.

## **2. EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO – UMA CONQUISTA PARA O POVO DO CAMPO**

A educação do campo nasce e se fortalece por meio de uma rede social, composta pelos sujeitos coletivos que trabalham com a Educação do Campo pelos camponeses, Organizações não Governamentais (ONGs), sindicatos e outros que valorizam a cultura camponesa e que questionam as relações de classe que marcam e individualizam os sujeitos e a realidade do campo brasileiro.

Edson Batista e Joyce de Almeida reiteram,

Educação do/no campo: um projeto coletivo que nasce nos movimentos sociais e ganha força no debate acadêmico. É fundamental lembrar que os movimentos sociais no Brasil existem desde o surgimento das ligas camponesas. Dessa forma a construção de um novo projeto de escola do campo, escola como: instrumento, ferramenta da resistência camponesa, centro de dinamização e promoção da comunidade, espaço potencializado de um projeto de futuro, lógica de reprodução da vida, agroecologia, da cooperação e não do capital. (ALMEIDA, 2006, p. 161).

Diante do exposto, compreende-se que a Educação do/no Campo é um direito fundamental para que os sujeitos que vivem no campo tenham dignidade e meios de lutar pelas condições básicas de vida, no lugar em que vivem. É importante destacar que somente em 1996, a Educação do Campo foi instituída

como direito, a partir da Lei de Diretrizes e Bases, a LDB, que a afirma como currículo e organização escolar própria.

O art. 28 da LDB, diz claramente:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente.

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Percebe-se que houve muitos avanços a partir da luta pela afirmação da educação do campo como direito, e como garantia desta modalidade de educação, como se vê na Legislação. No entanto, na constituição de políticas públicas destinadas à Educação do Campo, podemos perceber que a implementação das Diretrizes da Educação do Campo pelos governos do Estado de Mato Grosso tem apresentado limites, tanto em relação aos recursos humanos, com escassez de formação de professores para atuar nesta modalidade de educação, quanto em relação aos aspectos de infraestrutura nas Escolas do Campo, que se apresentam ainda com muita deficiência para o desenvolvimento das Diretrizes Nacionais e Orientações Curriculares Estaduais/MT para a Educação do Campo.

Neste sentido, torna-se urgente a ampliação do debate sobre o papel do Estado no cumprimento de suas responsabilidades nas Políticas Públicas de Educação do Campo em Mato Grosso, na garantia das condições físicas das Escolas do Campo e da valorização dos profissionais, no quesito formação adequada para a prática pedagógica nas escolas do campo.

Neste aspecto, relaciono as condições do espaço físico da Escola do Campo Rainha da Paz, que são limitados no que se referem a salas de aulas, biblioteca com espaço adequado, máquinas atualizadas para o laboratório de informática, sala multifuncional e de apoio pedagógico, sala de educadores e acessibilidade para os alunos cadeirantes e deficientes visuais, público atendido pela escola, como também a formação dos educadores, no trabalho pedagógico

com os conhecimentos técnicos científicos interligados aos conhecimentos do contexto do campo.

A escola Rainha da Paz, desde seu reconhecimento como escola do campo, no ano de 2012, tem estudado na formação continuada *in lócus* a educação do campo, no entanto, não é suficiente, necessitamos de formação específica nas áreas de conhecimento de forma interdisciplinar e no contexto do campo.

## **2.1. PLANTAS MEDICINAIS**

De acordo com Maria das Graças Lins Brandão (2011), plantas medicinais são aquelas usadas na preparação de remédios, desde as folhas usadas para fazer o chá, até as espécies cultivadas por grandes empresas farmacêuticas, para a produção de medicamentos industrializados.

Devido à sua grande importância, desde a década de 70, a Organização Mundial da Saúde (OMS) vem estimulando o desenvolvimento de medicamentos com as plantas. O uso das espécies validadas para preparação de fitoterápicos é aprovado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA).

A utilização das plantas para fins medicinais para tratamento, cura e prevenção de doenças, é uma das mais antigas formas de prática medicinal da humanidade, que dependiam das plantas como única forma de acesso aos cuidados básicos de saúde, tanto das pessoas como dos animais.

Esses conhecimentos eram baseados nas experiências adquiridas pelos conhecimentos populares transmitidos oralmente, na maior parte das situações, pois o uso dessas plantas medicinais é restrito aos espaços do próprio quintal. Mesmo nessa época de grandes avanços tecnológicos e pesquisas laboratoriais de química farmacêutica, é difícil encontrar alguém que nunca utilizou chá de camomila ou erva doce para a cura de cólica infantil; ou boldo, para um mal-estar do fígado; ou alecrim como calmante, entre outros.

No entanto, atualmente, grande parte da comercialização das plantas medicinais é feita em farmácias e lojas de produtos naturais e estes são preparados e comercializados com rotulagem industrializada, o que descaracteriza a medicina tradicional. De acordo com Veiga Junior (2005), além de descaracterizar, no Brasil, são utilizadas com pouca ou nenhuma comprovação de suas propriedades farmacológicas e da toxicidade, tornando-se um problema sério de saúde pública. Relatos de efeitos adversos causados pelas possíveis adulterações e toxidez são comuns.

Na sociedade moderna, cada vez mais o uso das plantas para fins medicinais tem renovado e provocado interesse dos pesquisadores, pelo conhecimento das características das drogas ou substâncias delas originadas, incluindo sua morfologia, composição química, propriedades farmacológicas, dentre outras, patenteando o então conhecimento que era próprio dos povos, principalmente os do campo.

## **2.2 PLANTAS MEDICINAIS BRASILEIRAS**

Estima-se que existam aproximadamente 250 mil espécies de plantas no mundo e que apenas 10% destas tenham sido avaliadas por algum método científico. No caso do Brasil, possuidor de uma das maiores biodiversidades do planeta é rico na tradição do uso das plantas como remédio, faz com que a sua flora seja uma das mais abundantes fontes de novos produtos farmacêuticos e cosméticos.

O uso tradicional de dezenas de plantas nativas como a embaúba (*Cecropia pachystachia*, Família *Cecropiaceae*) e copaíba (*Copaifera spp*, *Leguminosae*) foi copiado dos índios, ainda na época do “descobrimento” do Brasil, esses registros históricos mostram que dezenas de plantas medicinais já foram usadas no passado, muitas delas desconhecidas. Hoje essa é uma das graves consequências dos sucessivos desmatamentos da vegetação nativa do Brasil, que acabou levando o país a uma intensa perda genética e cultural. Atualmente, além de muitas espécies

estarem em perigo de extinção, raras são as pessoas que de fato conhecem as plantas medicinais nativas e sabem aproveitar seus benefícios medicinais. Para piorar a situação, essas pessoas são geralmente idosas, e o conhecimento não vem sendo repassado para as novas gerações. É preciso, portanto, muitos esforços para se manter vivo o conhecimento sobre as plantas medicinais brasileiras, por meio da sua conservação, da valorização do conhecimento tradicional e dos estudos científicos. Neste sentido entra a educação do campo, conforme Lima, para

[...] valorizar as diversidades socioculturais, ambientais e organizativas dos camponeses, preparemos jovens para serem protagonista das políticas de desenvolvimento sustentável construídas de forma coletiva nas áreas rurais. (LIMA, 2013).

A Educação do Campo deve estar em sintonia com os projetos de vida do adolescente e jovem do campo, para que os conhecimentos e saberes produzidos na sala de aula possibilitem aos alunos atuarem de forma ativa nos projetos de transformação social, sem deixar seus conhecimentos e saberes, tradicionalmente adquiridos.

### **2.3.USO CASEIRO DAS PLANTAS MEDICINAIS: UM RESGATE DO CONHECIMENTO POPULAR**

Conforme a Pastoral da Saúde, a Medicina Caseira é um dos aspectos da “Sabedoria Popular”, ou seja, é tudo aquilo que vem da experiência, da observação das coisas, sem os recursos dos livros ou da escola. Geralmente ela é conservada pela tradição e transmitida de forma oral, de geração em geração.

Segundo Veiga (2005), no Brasil, a primeira descrição sobre o uso de plantas como remédio foi feita por Gabriel Soares de Souza, autor do Tratado Descritivo do Brasil, de 1587. Explica Veiga que esse tratado descrevia os produtos medicinais utilizados pelos índios de “as árvores e ervas da virtude”. Com a vinda dos primeiros médicos portugueses ao Brasil, diante da escassez, na colônia, de remédios empregados na Europa, perceberam a importância das plantas utilizadas pelos indígenas como medicamento (apud VEIGA, 2005, 12).

A busca e o uso de plantas com propriedades terapêuticas são uma atividade que vem de geração em geração, descritos com o intuito de preservar essa tradição milenar. Os remédios são recursos ou expedientes para curar ou retirar a dor, o desconforto ou a enfermidade. É um termo aplicado a todos os recursos terapêuticos para combater doenças ou sintomas.

Os povos do campo recebem como herança cultural conhecimentos para a utilização das plantas medicinais, as alegações de uso e as formas de preparo e administração. Todavia, tanto nas cidades como no campo o progresso, traz, juntamente com a vida moderna, influências que alteram a fitoterapia tradicional, observando-se o abandono da prática dos métodos associada ao uso das plantas inclusive a substituição dos nomes tradicionais por denominações farmacológicas, como: Anador, Terramicina e outros.

O Ministério da Saúde, a partir dos anos 80, aprovou diversas Resoluções, Portarias e Relatórios com ênfase na questão das plantas medicinais, dentre elas a Portaria Nº 212, que, no item 2.4.3, define o estudo das plantas medicinais como umas das propriedades de investigação clínica. Por meio das experiências populares, das informações do poder curativo das plantas medicinais comprovada gradualmente pela experimentação científica, recomendando o uso de vegetais como recurso terapêutico, aplicando-se os conhecimentos e cuidados adequados a utilização das plantas como medicação.



## 2.4.PLANTAS MEDICINAIS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Como experiência para a construção desse artigo foi feita uma Roda de conversa, na sala de aula, as carteiras foram organizadas de tal modo no fundo da classe para utilizar o espaço do círculo e para proporcionar uma melhor visualização dos estudantes, entre si. Nesse ambiente cantou-se a música “Alecrim dourado”, cantiga pertencente à cultura popular. Foi questionado se algum aluno conhecia a planta alecrim, no que apenas um aluno respondeu afirmativamente e que já havia tomado chá dessa planta na casa da avó. A partir deste diálogo, foi explorada a temática das Plantas Medicinais e as propriedades fitoterápicas do alecrim, que é digestivo, sudorífero e ajuda na assimilação do açúcar (no diabetes) e também é indicado para recompor o sistema nervoso após uma longa atividade intelectual. É recomendado para a queda de cabelo, caspa, cuidados com a pele, lesões e queimaduras, curar resfriados e bronquites, para cansaço mental e estafa e, ainda, para perda de memória, aumentando a capacidade de aprendizado. ( FONSECA,



2008. p.2).

Figura 1. Vaso com Alecrim

Fonte: Alcimeire Nava (2015)

No decorrer da semana, no mês de junho foram realizadas diversas atividades pedagógicas para o processo de alfabetização, envolvendo a música *Alecrim dourado*. Como atividade, foi sugerido aos estudantes, circular no texto a palavra Alecrim, e fazer uma ilustração da referida música, a partir do alecrim. Os alunos levaram para a sala de aula galhinhos de alecrim e até mesmo um vaso com esta planta, para o conhecimento daqueles que não a conheciam, depois estas mudas foram plantadas na horta escolar.



Figura 2. Alunos plantando muda de Alecrim na horta da Escola Rainha da Paz.

Fonte: Alcimeire Nava (2015)

## Letra da Música: Alecrim Dourado

Alecrim, alecrim dourado  
que nasceu no campo  
sem ser semeado.

Foi meu amor  
que me disse assim  
que a flor do campo é o alecrim

Alecrim, alecrim miúdo  
que nasceu no campo  
perfumando tudo  
Foi meu amor  
que me disse assim  
que a flor do campo é o alecrim

Alecrim, alecrim aos molhos  
por causa de ti  
choram os meus olhos  
Foi meu amor  
que me disse assim  
que a flor do campo é o alecrim.

Os alunos foram orientados a aplicar um questionário com três perguntas aos pais e/ou familiares responsáveis por eles. Todos os familiares, num total de 10(dez) pessoas, responderam ao questionário.

Questão 1 - Sabem o que são plantas medicinais? Todos responderam de maneira afirmativa.

Questão 2 - Cultiva alguma planta medicinal? Apenas quatro (04) cultivavam e não era na casa dos alunos e sim na casa das avós.

Questão 3 - Tem o hábito de tomar o chá quando necessitam? Dos dez (10) familiares entrevistados, apenas três (03) utilizam chás e assim mesmo feito, por

algum familiar mais idoso, como avós, mães e madrinhas. Os demais recorrem ao posto de saúde.

A resposta das questões 2 e 3 vem confirmar que as gerações mais novas pouco utilizam dos saberes populares, compondo essa questão as plantas medicinais.

Portanto, a escola, juntamente com a família, precisa reforçar os velhos hábitos e valores que não devem ser esquecidos e devem ser repassados de geração em geração. A Educação do/no Campo vem consolidar estes valores culturais que possuem e que jamais devem ser esquecidos.

## **CONCLUSÃO**

Este trabalho teve o intuito de trabalhar as plantas medicinais como saberes populares dos sujeitos do campo, colaborando para a valorização desses saberes. O que me levou a realizar este trabalho pedagógico sobre as plantas medicinais não foi tanto a sua importância, mas principalmente o seu “esquecimento”. Como professora de escola do campo venho observando que as crianças e os jovens pouco vêm utilizando esse saber. O resultado do diálogo estabelecido na roda de conversa e de três questões enviadas para casa, para serem respondidas pelos familiares da turma em que foi desenvolvida a prática pedagógica, 2º ano da Escola Estadual do Campo Rainha da Paz, evidenciou que apenas três utilizam as plantas medicinais. Assim mesmo, preparados por outras pessoas mais idosas como mãe, avós e madrinhas.

O desenvolvimento deste trabalho pedagógico enriqueceu o meu conhecimento sobre plantas medicinais e a importância deste conhecimento na prática pedagógica na Educação do Campo, por se tratar de um saber popular que não está sendo utilizado.

Espero que contribua para a vida das famílias da Escola Estadual Rainha da Paz, motivando-as a se utilizarem das plantas medicinais. Será incluído no Projeto da Horta Pedagógica da escola, que estava desativado e vai recomeçar agora no

segundo semestre, o cultivo de plantas medicinais e os saberes relativos à utilização das plantas medicinais como parte do projeto pedagógico da escola.

Ao finalizar este trabalho pedagógico, senti que precisava ter pesquisado mais sobre o assunto, ter conhecimentos sobre a interdisciplinaridade, para que a aprendizagem dos alunos seja mais ampla. O que não significa que não foi significativa, pois durante o desenvolvimento do trabalho pedagógico, observei o interesse dos alunos e os conhecimentos adquiridos por meio dos relatos e de outras atividades desenvolvidas.

Faz-se necessário uma construção social da aprendizagem, através de uma educação com sentido e significado na vida dos povos camponeses, desenvolvendo novas capacidades e sujeitos criativos para enfrentar os desafios do dia a dia, na vida contemporânea.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Joyce de Borges. A contribuição da Escola Família Agrícola (EFAGO) na valorização da identidade cultural camponesa no município de Goiás 2006. Monografia: UEG, 2006.

BATISTA, Edson da Silva, A contribuição da Escola Família Agrícola (EFAGO) na valorização da identidade cultural camponesa no município de Goiás-2006. Monografia: UEG, 2006.

BRANDÃO, Maria das Graças Lins, et. all. *Ensinando sobre plantas medicinais na escola/* Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Dataplant, 2011.

BRASIL. CNE/CBE. Resolução CEB nº 01, 2002. Diretrizes Operacionais da Educação Básica para as Escolas do Campo. Brasília, DF, 03 de Abril de 2002.

BRASIL. 1981, Ministério da saúde. Portaria nº 212, de 11 de setembro de 1981. Diretrizes Prioridades de Investigação em Saúde Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. n. 119, 1º out 1981. Seção I.

CORREA Junior. *Plantas Mediciniais: Cultura Popular Versus Ciências*, 1991.

Equipe de Saúde - CRB – Regional Extremo-Oeste/Campo Grande-MS. Cartilha da Pastoral da Saúde: *A natureza é dom da vida*. 6ª edição, 1993.

FONSECA, André. *História sobre o Alecrim*.  
<https://andrefonseca.wordpress.com/2008/07/12/historia-sobre-o-alecrim/> htm,>.  
Acesso em 20 maio, 2015.

<http://letras.terra.com.br//temas-diversos-letras.mus.br> > Infantil > Temas Infantis. >.  
Acesso 22 junho, 2015.

LIMA, Elmo de Souza. *ESPAÇO DO CURRÍCULO*, v.6, n.3, p.608-619, Setembro a Dezembro de 2013.

PRETI, ORESTE. *Fundamentos e Práticas de Pesquisa Científica na Educação do/no Campo* / Fascículo 4. Cuiabá-MT: UFMT -2014

RECK, Jair. *Fundamentos teóricos e práticos da Educação do Campo I e II*. / Jair Reck e Raquel Alves de Carvalho. Cuiabá-MT: Ed UFMT, 2014.

VEIGA JUNIOR, e outros. *Plantas medicinais: cura segura*. Quím. Nova [online]. 2005, vol.28, n.3, pp. 519-528. ISSN 0100-4042.

TESKE, M.; TRENTINI, A.M.M. *Herbarium compêndio de fitoterapia*. 4. ed. Curitiba: Herbarium Laboratório Botânico Ltda, 2001. 317p.